

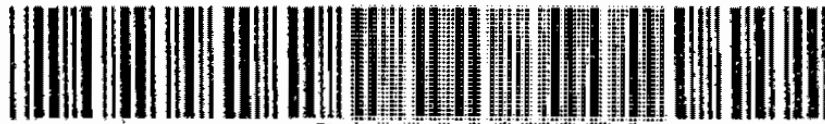
HOWARD S. BECKER

*Obrigatório*

DEDALUS - Acervo - FFLCH-FIL

Metodos de pesquisa em ciencias sociais.

301.018  
B395m  
2.ed.  
e.2



21000037254

# MÉTODOS DE PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

TRADUÇÃO

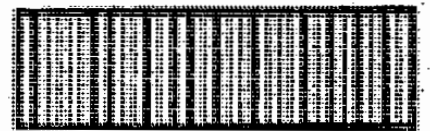
MARCO ESTEVÃO  
RENATO AGUIAR

REVISÃO TÉCNICA

MÁRCIA ARIEIRA



TOMBO.: 74519



SBD-FFLCH-USP

Segunda Edição

EDITORA HUCITEC  
São Paulo, 1994

## CAPÍTULO 4

# A História de Vida e o Mosaico Científico

*Thomas e Znaniecki publicaram o primeiro documento sociológico sobre história de vida que chamou amplamente a atenção em The Polish Peasant<sup>1</sup>. Clifford Shaw e seus associados publicaram vários outros nos anos subseqüentes: The Jack-Roller, The Natural History of a Delinquent Career e Brothers in Crime. Durante o mesmo período, Edwin Sutherland publicou o ainda popular Professional Thief. Documentos semelhantes foram publicados ocasionalmente desde então e, mais recentemente, The Fantastic Lodge e Hustler!<sup>2</sup> Quando The Jack-Roller foi republicado há poucos anos atrás, fui convidado a escrever uma introdução e fiz disso uma oportunidade para algumas reflexões sobre o lugar da história de vida na sociologia contemporânea.*

A história de vida não é um “dado” para a ciência social convencional, embora tenha algumas de suas características por se constituir numa tentativa de reunir material útil para a formulação de teoria sociológica geral. Tampouco é ela uma autobiografia convencional, ainda que compartilhe com a autobiografia

---

<sup>1</sup> W. I. Thomas e Florian Znaniecki, *The Polish Peasant in Europe and America* (2.<sup>a</sup> ed., Nova York, 1927), II, 1931-2244.

<sup>2</sup> Clifford R. Shaw, *The Jack-Roller* (Chicago, 1930), *The Natural History of a Delinquent Career* (Chicago, 1931) e *Brothers in Crime* (Chicago, 1936); Chic Conwell e Edwin H. Sutherland, *The Professional Thief* (Chicago, 1937); Helen MacGill Hughes (org.), *The Fantastic Lodge* (Boston, 1961); Henry Williamson, *Hustler!*, organizado por R. Lincoln Keiser (Garden City, N. Y., 1965).

sua forma narrativa, seu ponto de vista na primeira pessoa e sua postura abertamente subjetiva. Certamente não é ficção, embora os documentos de história de vida mais interessantes tenham uma sensibilidade, um ritmo e uma urgência dramática que qualquer romancista adoraria conseguir.

As diferenças entre estas formas residem tanto na perspectiva a partir da qual o trabalho é realizado quanto nos métodos utilizados. O escritor de ficção, é claro, não se preocupa em absoluto com fatos, mas, antes, com o impacto emocional e dramático, com forma e fantasia, com a criação de um mundo simbólica e artisticamente unificado. A fidelidade para com o mundo como ele existe é somente um dos muitos problemas para ele, e para muitos autores este é um aspecto de importância menor.

O autor autobiográfico se propõe a explicar sua vida para nós, se comprometendo, assim, com a manutenção de uma estreita conexão entre a história que conta e aquilo que uma investigação objetiva poderia descobrir. Entretanto, quando lemos uma autobiografia, estamos sempre conscientes de que o autor só nos está contando uma parte da história, que selecionou seu material de modo a apresentá-lo com o retrato de si que preferiria que tivéssemos e que pode ter ignorado o que poderia ser trivial ou desagradável para ele, embora de grande interesse para nós.

Comparada a estas formas mais imaginativas e humanísticas, a história de vida se aproxima mais do terra-a-terra, se dedica mais às nossas propostas do que às do autor, e se interessa menos por valores artísticos do que por um relato fiel da experiência e interpretação por parte do sujeito do mundo no qual vive. O sociólogo que coleta uma história de vida cumpre etapas para garantir que ela abranja tudo o que quer conhecer, que nenhum fato ou acontecimento importante seja desconsiderado, que o que parece real se ajuste a outras evidências disponíveis e que a interpretação do sujeito seja apresentada honestamente. O sociólogo mantém o sujeito orientado para os temas nos quais a sociologia está interessada, questiona-o sobre acontecimentos que exigem aprofundamento, tenta fazer com que a história contada acompanhe os assuntos dos registros oficiais e os materiais fornecidos por outras pessoas familiarizadas com os indivíduos, acontecimentos ou lugares descritos. Ele garante para nós o cumprimento das regras do jogo.

Assim procedendo, ele dá seqüência ao trabalho a partir de sua própria perspectiva, a qual enfatiza o valor da "história própria" da pessoa. Esta perspectiva difere daquela de alguns outros cientistas sociais por atribuir uma importância maior às interpretações que as pessoas fazem de sua própria experiência como explicação para o comportamento. Para entender porque alguém tem o comportamento que tem, é preciso compreender como lhe parecia tal comportamento, com o que pensava que tinha que confrontar, que alternativas via se abrirem para si; é possível entender os efeitos das estruturas de oportunidade, das subculturas delinqüentes e das normas sociais, assim como de outras explicações comumente evocadas para explicar o comportamento, apenas encarando-as a partir do ponto de vista dos atores.

O departamento de sociologia da Universidade de Chicago promoveu vigorosamente esta perspectiva durante a década de vinte. Quase todos os estudos fizeram uso de documentos pessoais. Baseada teoricamente na psicologia social de Mead, tendo sua praticidade sido atestada em pesquisa por *The Polish Peasant* e sendo sua utilização persuasivamente defendida por Ernest W. Burgess, a história de vida gozou de grande popularidade. Era um dos muitos instrumentos de pesquisa que tinham espaço no esquema de pesquisa do departamento.

O esquema de pesquisa não amadureceu a partir de uma teoria axiomática bem desenvolvida, mas, em vez disso, de uma visão da característica de cidades e de vida urbana que permeava muitas das pesquisas realizadas em Chicago no excitante período depois da chegada de Robert E. Park, em 1916. *The Ghetto*, *The Gold Coast and the Slum*, *The Gang*<sup>3</sup> — eram todos parte deste esquema de pesquisa. E também o eram os estudos ecológicos sobre a sucessão de grupos étnicos em Chicago e sobre a distribuição da delinqüência juvenil, doença mental e outras formas de patologia. Park enunciou o esquema geral, à medida que se desenvolvia, em ensaios ocasionais sobre a natureza da cidade e o papel da comunicação na vida social, assim como em introduções para livros que seus estudantes produziram. Tudo era material

---

<sup>3</sup> Louis Wirth, *The Ghetto* (Chicago, 1928); Harvey W. Zorbaugh, *The Gold Coast and the Slum: A Sociological Study of Chicago's Near North Side* (Chicago, 1929); Frederic M. Thrasher, *The Gang: A Study of 1,313 Gangs in Chicago* (Chicago, 1928).

para a teoria em desenvolvimento. E estudos de todos os tipos, realizados através de uma variedade de métodos, contribuíram para seu desenvolvimento.<sup>4</sup> Assim, a contribuição de qualquer estudo podia ser avaliada no contexto de um empreendimento geral, e não como se existisse em isolamento.

Quando fui para São Francisco pela primeira vez, há vários anos atrás, e comecei a pensar em fazer pesquisa por lá, automaticamente comecei procurando o Local Community Fact Book, os estudos demográficos, a análise de bairros e instituições, e todos os outros tipos de material básico com os quais sempre contei quando trabalhei em Chicago. Mas eles não existiam; ninguém havia feito este trabalho. Talvez isso acontecesse porque nenhum grupo de pesquisadores tão bem organizado tenha jamais existido lá como o grupo que teve seu início com Park, nos anos vinte. Este grupo viu conexões entre os vários problemas sobre os quais estava trabalhando. Acima de tudo, eles viram que as várias coisas que estavam estudando tinham relações estreitas e íntimas com a cidade considerada em abstrato, e com a própria Chicago, a cidade específica na qual trabalhavam. Para o grupo de Chicago, qualquer que fosse o tema específico em estudo, o pesquisador presumia que seu caráter advinha em parte da forma e do caráter únicos da cidade no qual ocorria. O grupo confiava, implícita e explicitamente, no conhecimento que já havia sido reunido, pois tinha contribuído com seu próprio pequeno fragmento para o mosaico da teoria da cidade e para o conhecimento de Chicago que Park estava construindo.

A imagem do mosaico é útil para pensarmos sobre este tipo de empreendimento científico. Cada peça acrescentada num mosaico contribui um pouco para nossa compreensão do quadro como um todo. Quando muitas peças já foram colocadas, podemos ver, mais ou menos claramente, os objetos e as pessoas que estão no quadro, e sua relação uns com os outros. Diferentes fragmentos contribuem diferentemente para nossa compreensão: alguns são úteis por sua cor, outros porque realçam os contornos de um objeto. Nenhuma das peças tem uma função maior a cumprir; se

---

<sup>4</sup> Ver relato de Everett C. Hughes deste "grande movimento de investigação social" em "Robert Park", *New Society* (dezembro, 31, 1964), 18-9; e Robert E. Park, *Human Communities* (Glencoe, Ill., 1952).

não tivermos sua contribuição, há ainda outras maneiras para chegarmos a uma compreensão do todo.

Estudos individuais podem ser como peças de um mosaico, e o eram nos dias de Park. Visto que o tema do mosaico era Chicago, a pesquisa tinha um sabor etnográfico de "história de caso", mesmo que a própria Chicago fosse, em parte, vista como representativa de todas as cidades. Fossem seus dados números de censo ou entrevistas, produtos de questionários ou histórias de vida, a pesquisa levava em consideração as peculiaridades locais, explorando aquelas coisas que eram distintamente verdadeiras na Chicago dos anos vinte. Assim procedendo, eles completaram parcialmente um mosaico de grande complexidade e detalhe, com a própria cidade como tema, um "caso" que poderia ser empregado para testar uma grande variedade de teorias, e no qual as interconexões de um sem-número de fenômenos não relacionados podiam ser avaliadas, ainda que de modo imperfeito.

Hoje, nossa atenção se desviou da etnografia local, do acúmulo de conhecimento sobre um único local, suas partes e conexões. Enfatizamos, mais do que fazíamos então, a construção teórica abstrata. O "survey" nacional é frequentemente empregado como uma forma básica de coleta de dados. Acima de tudo, os pesquisadores são cada vez mais móveis, deslocando-se de cidade em cidade e de universidade em universidade em períodos de poucos anos, sem construir uma reserva de conhecimentos especializados a nível local e sem transmitir estes conhecimentos para seus estudantes. A tendência atual se distancia do estudo comunitário — não existirão mais programas elaborados de estudo coordenado como os que produziram as *Yankee City Series*<sup>5</sup> ou o *Black Metropolis*.<sup>6</sup> Isso será uma grande perda.

De qualquer modo, a contribuição científica de uma história de vida tal como *The Jack-Roller* só pode ser apropriadamente avaliada em relação a todos os estudos realizados sob a direção de Park, pois se beneficiou e dependeu de todos eles, exatamente como a totalidade dos estudos posteriores desta Idade de Ouro da sociologia de Chicago dele dependeu um pouco. Boa parte do histórico que qualquer estudo isolado teria que fornecer ele pró-

<sup>5</sup> Publicado em vários volumes por W. Lloyd Warner e seus colaboradores.

<sup>6</sup> St. Clair Drake e Horace Cayton, *Black Metropolis* (Nova York, 1945).

prio ou, pior, sobre o qual teria que fazer afirmações não verificadas, estava já ao alcance da mão para o leitor de *The Jack-Roller*. Quando Stanley, seu protagonista, fala sobre os jogos infantis de roubar aos quais ele e seus companheiros se dedicavam, sabemos que podemos encontrar uma extensa e penetrante descrição deste fenômeno em *The Gang* de Thrasher. Quando fala do tempo que passou na West Madison Street, sabemos que podemos nos voltar para *The Hobo*<sup>7</sup> de Nels Anderson para obter uma compreensão do meio em que Stanley se encontrava então. Se nos interessarmos pela representatividade do caso de Stanley, basta simplesmente voltarmos para os estudos ecológicos desenvolvidos por Shaw e MacKay<sup>8</sup> para vermos a mesma história contada em termos de estatísticas de massa. De modo semelhante, se quisermos entender os mapas e correlações contidos nos estudos ecológicos da delinqüência, basta consultar *The Jack-Roller* e outros documentos similares para obter essa compreensão.

Não tenho certeza dos critérios através dos quais se pode julgar a contribuição de um trabalho científico considerado em seu contexto total, mas sei que não são os critérios correntemente em voga como os implícitos no modelo do experimento controlado. Não temos a expectativa, num programa de pesquisa amplo e diferenciado, de que qualquer trabalho nos dê todas as respostas ou mesmo tudo de qualquer uma das respostas. O que precisa ser julgado é o empreendimento de pesquisa como um todo, em todas as suas partes. (Podemos, é claro, avaliar histórias de vida por critérios tais como os propostos por Kluckhohn, Angell e Dollard.)<sup>9</sup> Ainda estão por ser estabelecidos os critérios para determinar o quanto um fragmento de um mosaico contribui para as conclusões asseguradas pela consideração do todo, mas estes constituem exatamente o tipo de critério de que se tem necessidade. Em seu lugar, podemos temporariamente introduzir uma apre-

<sup>7</sup> Nels Anderson, *The Hobo* (Chicago, 1923).

<sup>8</sup> Clifford R. Shaw e Henry D. MacKay, *Juvenile Delinquency and Urban Areas* (Chicago, 1942).

<sup>9</sup> Clyde Kluckhohn, "The Personal Document in Anthropological Science", in Louis Gottschalk et al., *The Use of Personal Documents in History, Anthropology, and Sociology* (N. York, 1945), 79-173; Robert Angell, "A Critical Review of the Development of Personal Document Method in Sociology 1920-1940", *ibid.*, 177-232; John Dollard, *Criteria for the Life History* (N. Haven, 1932).

ciação simpática de algumas das funções desempenhadas pelos documentos de história de vida, tomando *The Jack-Roller* como um caso representativo.

Quais são estas funções? Em primeiro lugar, *The Jack-Roller* pode servir como pedra de toque para a avaliação de teorias que pretendem lidar com fenômenos como a carreira de delinqüência de Stanley. Seja como teoria das origens psicológicas do comportamento delinqüente, como teoria das raízes da delinqüência em gangues juvenis ou como uma tentativa de explicar a distribuição da delinqüência por toda a cidade, qualquer teoria da delinqüência, se quiser ser considerada válida, tem que explicar ou ao menos ser consistente com os fatos do caso Stanley, conforme relatados. Assim, mesmo que a história de vida não propicie por si só a prova definitiva de uma proposição, ela pode ser um exemplo negativo que nos force a decidir que a teoria proposta é inadequada.

Dizer isso significa assumir um enfoque sobre a generalização científica que merece alguns comentários. Podemos decidir aceitar uma teoria se ela explica, digamos, 95 por cento dos casos abrangidos sob sua jurisdição. Muitos cientistas de reputação o fazem. Em contraste, é possível argumentar que uma teoria que não explica todos os casos é incompleta, que há outros fatores em operação, além daqueles que a teoria especifica, que produzem o resultado que pretendemos explicar. Trata-se fundamentalmente de uma questão de estratégia. Se presumimos que exceções a uma regra qualquer são ocorrências normais, talvez não procuremos com o mesmo afincamento outros fatores explicativos. Mas se encaramos as exceções como potenciais negações de nossa teoria, somos estimulados a procurar por estes fatores.<sup>10</sup>

Mais importante ainda, o exemplo negativo responderá às análises cuidadosas, sugerindo a direção que a pesquisa deve tomar.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> Ver, por exemplo, George H. Mead, "Scientific Method and Individual Thinker", in John Dewey *et al.*, *Creative Intelligence* (Nova York, 1917), 176-227, e Alfred Lindesmith, *Opiate Addiction* (Bloomington, 1947), 5-20. Lindesmith transforma a estratégia num método sistemático de investigação mencionado geralmente como indução analítica.

<sup>11</sup> Ver, para uma opinião semelhante que advém da tradição da pesquisa de levantamento, Patricia L. Kendall e Katharine M. Wolf, "The Analysis of Deviant Cases in Communications Research", in Paul F. Lazarsfeld e Frank Stanton (orgs.), *Communications Research 1948-1949* (Nova York, 1949), 152-79.



A investigação de suas características revelará atributos que se diferenciam dos existentes naqueles exemplos que poderiam ser vistos como semelhantes, ou de processos em curso cujas etapas não foram completamente compreendidas. Se conhecermos o caso em algum detalhe, como um documento de história de vida nos permite conhecer, um nossa pesquisa terá mais chances de ser bem-sucedida; é neste sentido que a história de vida é útil como pedra de toque teórica.

A história de vida também nos auxilia em áreas de pesquisa apenas tangencialmente a ela relacionada. Qualquer trabalho de pesquisa atravessa fronteiras em direção a novos terrenos que não explora minuciosamente, áreas importantes para seu interesse principal nas quais procede mais por suposição do que por investigação.<sup>12</sup> O estudo de uma universidade, por exemplo, pode levantar suposições (sem dúvida, tem que fazê-las) sobre o caráter da cidade; estado e região onde está situada, sobre a bagagem e a experiência de classe social de seus estudantes, e sobre um grande número de outros assuntos passíveis de influenciar o funcionamento da escola e a maneira como este afeta os estudantes. Um estudo sobre um hospital mental ou uma prisão fará suposições igualmente não verificadas sobre o caráter das famílias cujos membros terminam na instituição. Uma história de vida — ainda que não seja o único tipo de informação que possa fazê-lo — propicia uma base sobre a qual estas pressuposições podem ser feitas de modo realista, como uma aproximação grosso modo da direção na qual se encontra a verdade.

Além destas questões de, por assim dizer, fatos vizinhos, a história de vida pode ser particularmente útil para nos fornecer uma visão do lado subjetivo de processos institucionais muito estudados, sobre os quais pressupostos não verificados também são feitos com freqüência. Os sociólogos têm-se preocupado ultimamente com processos de socialização de adultos e, para tomar um exemplo para o qual o caso de Stanley é diretamente relevante, com os processos de degradação e “desvestimento” associados à socialização em instituições de reabilitação tais como prisões e hospi-

---

<sup>12</sup> Ver Max Gluckman (org.), *Closed Systems and Open Minds* (Chicago, 1964).

tais mentais.<sup>13</sup> Embora as próprias teorias se interessem mais pela ação das instituições do que pela experiência individual, elas ou presumem alguma coisa sobre a maneira como as pessoas experimentam estes processos, ou, pelo menos, levantam questões sobre a natureza desta experiência. Ainda que a experiência de prisão de Stanley não forneça, é claro, um conhecimento completamente seguro sobre estas questões, ela nos dá alguma base para fazer um julgamento.

A história de vida, novamente em virtude de sua riqueza de detalhes, pode ser importante naqueles momentos em que uma área de estudo se tornou estagnada, quando a pesquisa tem-se dedicado à investigação de umas poucas variáveis com precisão sempre crescente, mas tem recebido em retorno incrementos minúsculos de conhecimento. Quando isso ocorre, os investigadores podem prosseguir coletando documentos pessoais que sugiram novas variáveis, novas questões e novos processos, empregando os dados ricos, embora não sistemáticos, para propiciar a necessária reorientação do campo.

Sob estas contribuições que a história de vida é capaz de dar, oculta-se uma que é mais fundamental. A história de vida, mais do que qualquer outra técnica, exceto, talvez, a observação participante, pode dar um sentido à superexplorada noção de *processo*. Sociólogos gostam de falar de "processos em curso" e coisas parecidas, mas seus métodos geralmente os impedem de ver os processos sobre os quais falam tão desembaraçadamente.

George Herbert Mead, se o levarmos a sério, nos diz que a realidade da vida social é uma conversação de símbolos significantes, no curso da qual as pessoas fazem movimentos tentativos e depois ajustam e reorientam sua atividade à luz das reações (reais ou imaginadas) que os outros têm a estes movimentos. A formação do ato individual é um processo no qual a conduta é continuamente reformulada de modo a levar em consideração a expectativa de outros, como esta se exprime na situação imediata e como o ator supõe que possa vir a se exprimir. A atividade coletiva, do tipo a que se alude por conceitos como "organização" ou

---

<sup>13</sup> Harold Garfinkel, "Conditions of Successful Degradation Ceremonies", *American Journal of Sociology* 61 (1956), 420-24; e Erving Goffman, *Asylums* (Garden City, N.Y., 1961), 127-69.

“estrutura social”, provém de um processo contínuo de ajuste mútuo das ações de todos os atores envolvidos. O processo social, portanto, não é uma interação imaginada de forças invisíveis ou um vetor estabelecido pela interação de múltiplos fatores sociais, mas um processo observável de interação simbolicamente mediada.<sup>14</sup>

Observável, sim; mas não facilmente observável, pelo menos não para propósitos científicos. Para observar o processo social como Mead o descreveu, leva-se muito tempo. Esta observação coloca problemas intrincados de comparabilidade e objetividade na coleta de dados e exige um grande entendimento da vida de outras pessoas. Assim, os cientistas sociais têm, na maioria das vezes, optado por técnicas menos exigentes, tais como a entrevista e o questionário.

Estas técnicas, penso, podem nos dizer muito, mas somente na medida em que formos capazes de relacioná-las com a visão nos termos de Mead do processo social subjacente que conheceríamos se tivéssemos dados mais adequados. Por exemplo, podemos entregar um questionário a pessoas em dois períodos de suas vidas e inferir um processo subjacente de mudança a partir das diferenças em suas respostas. Mas nossa interpretação só terá significância se nossa imagem do processo subjacente for precisa. Esta precisão da imagem — esta congruência de processos teoricamente postulados com o que pudemos observar, se tivermos gastado o tempo e tomado o cuidado necessários — pode ser em parte efetivada pela utilização de documentos de história de vida. Pois a história de vida, se bem-feita, nos fornecerá os detalhes deste processo cujo caráter, de outro modo, só seríamos capazes de especular, do processo ao qual nossos dados devem se referir em última análise, se quisermos que tenham valor teórico e não somente operacional e de vaticínio. Ela descreverá aqueles episódios interativos cruciais nos quais novas fronteiras de atividade individual e coletiva são forjadas, nos quais novos aspectos do eu são trazidos à existência. Assim, é por conferir uma base realista

---

<sup>14</sup> Ver George Herbert Mead, *Mind, Self, and Society* (Chicago, 1934); Herbert Blumer, “Society as Symbolic Interaction”, in Arnold Rose (org.), *Human Behavior and Social Processes* (Boston, 1962), 179-92; e Anselm L. Strauss et al., *Psychiatric Ideologies and Institutions* (Nova York, 1964), 292-315.

à nossa imagem do processo subjacente que a história de vida serve aos propósitos de verificar pressuposições, lançar luz sobre organizações e reorientar campos estagnados.

Talvez, entretanto, o mais importante serviço que um documento como *The Jack-Roller* prestou à sociologia tenha sido um que também foi prestado àqueles que não são sociólogos. David Riesman descreveu a ciência social como sendo, em parte, uma "conversação entre as classes."<sup>15</sup> Seu livro descreve para as pessoas o modo de vida de segmentos de sua sociedade com o qual elas, de outro modo, não entrariam em contato. A história de vida, por causa da "própria história" de seus atores, é uma mensagem viva e vibrante que vem de "lá", que nos conta o que significa ser um tipo de pessoa que nunca encontramos face a face. Os Estados Unidos têm sorte de ter menos barreiras, na forma de círculos sociais fechados e regras contrárias à interação fora deles, do que a maioria das sociedades. Todavia, a distância entre classes sociais, entre grupos étnicos e entre grupos de idade são tais que é difícil para a maioria dos sociólogos (sem falar em outros cujo trabalho não os impele na direção deste conhecimento) compreender o que significa viver a vida de um *junkie* negro ou de um delinqüente polonês.

Johan Galtung sugere a função deste tipo de conhecimento no processo científico em sua discussão sobre as causas do caráter excessivamente abstrato e a formalidade da sociologia latino-americana. Ela argumenta que a sociedade latino-americana é mais rigidamente estratificada, tanto horizontal quanto verticalmente, que as sociedades da Europa setentrional e da América do Norte. Isto significa que o latino-americano, ao entrar em contato com a sociologia, não terá nunca o mesmo nível de interação informal com membros de outras classes e segmentos sociais que os jovens adquirem em outras sociedades através de viagens, empregos de verão e outras atividades semelhantes. Disto resulta, diz Galtung, que idéias preconcebidas sobre o caráter de outros membros da sociedade nunca passam pelo teste do confronto direto com a realidade social:

Aqueles sociólogos que jamais aceitariam a idéia de que a

---

<sup>15</sup> David Riesman, *Abundance for What?* (Garden City, 1965), 493-4.

única coisa que os motivou foi o desejo de ganhar dinheiro, não têm dificuldade para perceber o capitalista como alguém interessado somente no máximo de dinheiro pelo mínimo de trabalho, ou o trabalhador como motivado de maneira semelhante. Um conhecimento mais íntimo sobre eles revelaria invariavelmente matizes, maior identificação, maior variedade de motivações, mas a parcimônia de interação protege o sociólogo deste conhecimento. Advém daí o grande interesse pela alienação das classes mais baixas: sem negar sua realidade, um fator que mantém a imagem de alienação da classe trabalhadora é a alienação do próprio intelectual em relação à sua sociedade em geral e, certamente, em relação à classe trabalhadora.<sup>16</sup>

Ao proporcionar este tipo de expressão a partir de uma cultura e de uma situação que não são normalmente conhecidas pelos intelectuais em geral e, em particular, por sociólogos, *The Jack-Roller* nos dá condições de desenvolver nossas teorias ao nível mais profundo: por nos colocar na pele de Stanley, podemos sentir e tomar consciência dos *biases* profundos sobre estas pessoas, que em geral permeiam nossos pensamentos e dão forma aos tipos de problemas que investigamos. Por entrarmos verdadeiramente na vida de Stanley, podemos começar a perceber o que pressupomos como verdadeiro (e não deveríamos) na concepção de nossa pesquisa — que tipos de pressuposições sobre delinquentes, favelas e polacos estão incrustados na maneira como colocamos as questões que estudamos. A história de Stanley nos permite, se quisermos aproveitá-la, começar a fazer perguntas sobre a delinquência do ponto de vista do delinquente. Se levarmos Stanley a sério, e sua história deve nos impelir a fazê-lo, podemos levantar com facilidade uma série de questões que foram relativamente pouco estudadas — questões sobre as pessoas que lidam com delinquentes, sobre as táticas que empregam, suas suposições sobre o mundo e as restrições e pressões a que estão sujeitos. Tais estudos somente agora começaram a ser feitos. Um estudo apurado

---

<sup>16</sup> Johan Galtung, "Los factores socioculturales y el desarrollo en la sociología en América Latina", *Revista Latinoamericana de Sociología* 1 (março, 1965), 87.

de *The Jack-Roller* e outros documentos semelhantes poderia nos fornecer uma ampla gama de questões a serem colocadas quando observamos os tratamentos dispensados por policiais, juízes e carcereiros aos delinqüentes.

Dada a variedade de usos científicos que pode ter a história de vida, é de surpreender o relativo esquecimento em que caiu. Os sociólogos, é verdade, nunca desistiram dela totalmente. Mas tampouco fizeram dela um dos seus instrumentos padronizados de pesquisa. Eles lêem os documentos disponíveis e os indicam para que seus alunos os leiam. Mas em geral não pensam em coletar eles mesmos documentos de histórias de vida, ou em tornar a técnica parte de seu enfoque de pesquisa.

Um conjunto de mudanças simultâneas provavelmente contribuiu para o desuso crescente do método da história de vida. Os sociólogos passaram a se interessar mais pelo desenvolvimento da teoria abstrata e, correspondentemente, menos pelos relatos plenos e detalhados sobre organizações e comunidades específicas. Passaram a preferir os dados formulados nas categorias abstratas de suas próprias teorias aos formulados a partir das categorias que pareciam mais relevantes para as pessoas que estudavam. A história de vida se adequava bem a esta última tarefa, mas era de pouco uso imediatamente aparente para a primeira.

Ao mesmo tempo, os sociólogos começaram a separar o campo da psicologia social do da sociologia propriamente dita, criando duas especialidades em substituição a duas ênfases dentro de um mesmo campo, e se concentraram mais sobre variáveis "estruturais" e análises funcionais sincrônicas do que sobre aqueles fatores que se manifestavam na experiência de vida da pessoa. Novamente, a história de vida deu uma contribuição clara para esta última tarefa, mas parecia não relacionada com os estudos que enfatizavam os atributos de grupo e suas interconexões.

Mas talvez a razão principal para o emprego relativamente raro da técnica seja que ela não produz o tipo de "descobertas" que os sociólogos agora esperam que a pesquisa produza. À medida que a sociologia se torna cada vez mais rígida e "profissionalizada", passou a ser dada cada vez mais ênfase àquilo que, em nome da simplicidade, poderíamos chamar de *estudo isolado*. Utilizo o termo para me referir aos projetos de pesquisa que são pensados como sendo auto-suficientes e autojustificados, os quais

fornecem todas as evidências necessárias para aceitar ou rejeitar as conclusões que apresenta, e cujas descobertas devem ser usadas como mais um tijolo na muralha em construção da ciência — uma metáfora totalmente diferente daquela do mosaico. O estudo específico se integra no corpo principal de conhecimento da seguinte maneira: ele deriva suas hipóteses de uma inspeção daquilo que já é conhecido; então, depois que a pesquisa é completada, se essas hipóteses foram demonstradas, são acrescentadas à muralha daquilo que já é cientificamente conhecido e empregado como base para estudos posteriores. A questão importante é que a hipótese do pesquisador seja provada ou refutada com base naquilo que descobriu ao realizar este trabalho de pesquisa.

Os costumes, tradições e práticas organizacionais da sociologia contemporânea conspiram para nos fazer assumir esta visão de pesquisa. O artigo de revistas especializadas de tamanho padrão, o mais comum dos meios de comunicação científica, é escrito sob encomenda para a apresentação das descobertas que confirmam ou refutam hipóteses. A tese de Ph.D. exige virtualmente que seu autor disponha de um conjunto de descobertas, garantidas por suas próprias operações, que permitam conclusões que ele possa defender diante de uma banca da universidade. A proposta para a obtenção de bolsa de pesquisa, outra forma literária sociológica ubíqua, obriga seu autor a afirmar o que seu projeto terá provado depois que o dinheiro for gasto.

Se tomarmos o estudo isolado como modelo de trabalho científico, utilizaremos, então, quando julgarmos uma pesquisa ou tomarmos decisões sobre como organizar nossa pesquisa, critérios concebidos para nos assegurar que as descobertas de nosso estudo isolado fornecerão, certamente, uma base sólida para aceitar ou rejeitar hipóteses. As leis de inferência e prova agora em voga refletem esta ênfase. Metodólogos como Stouffer, e outros que o seguiram, desenvolveram técnicas de avaliação de hipóteses baseadas no modelo do experimento controlado.<sup>17</sup> Compare dois grupos, aqueles que foram expostos aos efeitos de uma variável e

---

<sup>17</sup> Ver o ensaio muito influente de Samuel A. Stouffer, "Some Observations on Study Design", *American Journal of Sociology* 55 (janeiro de 1950), 355-61, e qualquer um dentre o grande número de livros e artigos sobre método que assumem essencialmente a mesma posição.

aqueles que não o foram, antes e depois da exposição. As múltiplas comparações que se tornam possíveis através desta técnica nos permitem testar não somente a hipótese original, mas também algumas das explicações alternativas prováveis dos mesmos resultados, desde que sejam o que previmos. Este é o modelo aprovado. Se não conseguirmos realizá-lo, nosso estudo é falho, a menos que possamos criar substitutos viáveis. Se conseguirmos fazê-lo, podemos dizer com segurança que produzimos descobertas científicas fortes o bastante para sustentar o peso de estudos posteriores.

Os critérios advindos do modelo experimental e utilizados para avaliar os estudos isolados em separado, não obstante quão úteis possam ser em variados contextos, deram origem a um subproduto ruim. Eles levaram as pessoas a ignorar as outras funções da pesquisa e, especialmente, a ignorar a contribuição que é dada por um estudo para um empreendimento global de pesquisa, mesmo quando o estudo, considerado isoladamente, não produziu por si mesmo resultados definitivos. Visto que, por estes critérios, a história de vida não produziu resultados definitivos, as pessoas têm sido incapazes de fazer alguma coisa com ela e, de modo geral, têm-se recusado a investir o tempo e o esforço necessários para obter documentos de história de vida.

Podemos talvez esperar que uma compreensão mais completa da complexidade do empreendimento científico restaure o senso de versatilidade dos sociólogos e o valor da história de vida. Uma nova série de documentos pessoais, como os que foram produzidos pela Chicago School há mais de uma geração atrás, podem nos ajudar de todas as maneiras que sugeri anteriormente e, também, de maneiras que não antecipamos agora.